

**A MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS DO CARIRI:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL**
THE FACULTATIVE MODALITY IN PORTUGUESE CARIRI: AN FUNCTIONAL
DISCOURSE APPROACH

Liliane Viana Lima

<https://orcid.org/0000-0002-6883-0903>

Nadja Paulino Pessoa Prata

<https://orcid.org/0000-0001-7861-7017>

RESUMO

A modalidade facultativa está ligada às noções de condições físicas/circunstanciais, habilidades e capacidades (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Com base nos pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), objetivamos descrever e analisar as possíveis relações existentes entre os tipos de modalidade facultativa e seus meios de expressão no português falado no Cariri, tendo em vista os elementos do Componente Gramatical, mais especificamente os relativos aos Níveis Representacional e Morfosintático. Para isso, utilizamos uma amostra do corpus do PROFALA, referentes à fala do cearense, composto por 60 entrevistas do tipo DID. Após a análise quali-quantitativa, chegamos aos seguintes resultados: (i) o alvo de avaliação mais recorrente foi o ‘orientado-para-o-participante’, em 97,6% dos casos; (ii) a ‘modalidade facultativa orientada-para-o-participante’ relaciona-se ao subtipo ‘adquirida’; (iii) os meios de expressão mais usado para manifestação da ‘modalidade facultativa orientada-para-o-participante’ foram os verbos ‘poder’, ‘saber’ e conseguir’. Por fim, com a discussão dos resultados finais encontrados, esperamos contribuir com a descrição e análise da modalidade facultativa no português do Cariri.

Palavras-chave: Gramática Discursivo-Funcional; Modalidade Facultativa; Português Falado no Cariri.

ABSTRACT

The facultative modality is linked to the notions of physical / circumstantial conditions, abilities and capacities (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Based on the assumptions of the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), we aim to describe and analyze possible relations between the types of facultative modality and their means of expression in Portuguese spoken in Cariri, considering the elements of the Grammatical Component, specifically regarding Representational and Morphosyntactic Levels. For this, we used a sample of corpus PROFALA, referring to the speech of Ceará, composed of 60 DID interviews. After the qualitative-quantitative analysis, we arrived at the following results: (i) the most recurring target was 'goal-oriented' in 97.6% of the cases; (ii) the 'participant-oriented facultative modality' relates to the 'acquired' subtype; (iii) the most used means of expression for

the manifestation of the 'participant-oriented facultative modality oriented' were the verbs 'can', 'know' and 'achieve'. Finally, with the discussion of the final results found, we hope to contribute with the description and analysis of the facultative modality in the Portuguese Cariri.

Keywords: *Functional Discourse Grammar; Facultative Modality; Portuguese Spoken in Cariri.*

INTRODUÇÃO

A modalidade é uma categoria que, desde a Antiguidade Clássica, causa certa inquietude em sua investigação, sobretudo em razão de haver numerosas análises de sua expressão, desde estudos relacionados à Filosofia da Antiguidade Clássica até a Linguística contemporânea. “Por meio dela, podemos deixar as marcas de nossa subjetividade, expressar nossas crenças, ou mesmo falar sobre capacidades nossas ou de outras pessoas, além de nos comprometer ou não com o que estamos informando.” (LIMA, 2019, p. 15).

Os estudos linguísticos sobre a modalidade tiveram como base as ideias da Lógica, especialidade da Filosofia responsável por analisar a argumentação. Wright (1951, p. 01-04), por exemplo, afirmava que os modos poderiam ser compreendidos em quatro tipos: a) aléticos ou modos da verdade, ligados à “lógica modal tradicional” (WRIGHT, 1951, p. 01), divididas em proposições verdadeiras ou não verdadeiras; b) epistêmicos, ou modos do conhecimento, subdivididos em proposição verificada ou indecisa; c) deônticos ou “modos da obrigação” (WRIGHT, 1951, p. 02), divididos em obrigatório, permitido e proibido. Por fim, os modos d) existenciais, não considerados pelo autor como parte da Lógica modal. Segundo ele, há ainda outros sentidos que as palavras modais possuem, como as noções de habilidade e disposição, consideradas “modalidades dinâmicas” (WRIGHT, 1951, p. 28). Esta análise abriu caminho para estudos posteriores e autores como Carrereto (1991), Olbertz (1998), Palmer (2001) e Hengeveld

e Mackenzie (2008) tivessem a possibilidade de identificar e analisar a modalidade como parte integrante dos estudos linguísticos.

Em relação a nossa categoria em estudo, Palmer (2001) chamou-a de “modalidade dinâmica” e a analisou sob o mesmo escalão da modalidade deôntica. Ao caracterizar as duas categorias modais (dinâmica e deôntica), o autor insere traços volitivos naquela, afirmando “[...] parecer haver dois tipos de modalidade dinâmica, expressando habilidade e vontade [...]” (PALMER, 2001, p. 76). Segundo Lima (2019, p. 50), embora ele “[...] tenha aberto um caminho propício para o estudo da modalidade linguística, não se afastou tanto do âmbito filosófico e acabou deixando espaço aberto para estudos mais específicos [...]” sobre a modalidade.

Outra análise relevante foi o estudo feito por Carretero (1991). Tomando como base os pressupostos de Jespersen (1928) e Perkins (1983), considerou a modalidade dinâmica como ‘inerente’, que “[...] correspondem à possibilidade circunstancial e à necessidade circunstancial [...]” (LIMA, 2019, p. 51). Um fator acerca da proposta de Carretero é a atenção dada ao contexto de enunciação, pois “[...]a semelhança dos meios de expressão das diferentes modalidades, por uma parte, e a ambiguidade e fusão de valores das expressões modais, por outro, devem-se, sem dúvida, às profundas relações que existem entre as modalidades [...]” (CARRETERO, 1991, p. 58). Tais relações precisam ser claramente verificadas em razão de evitar possíveis ambivalências nos enunciados linguísticos.

Com a expansão das análises de base funcionalista, Dik (1997) mostra-nos que a modalidade é interna à predicação, podendo ser deôntica ou volitiva. Olbertz (1998, p. 131), por sua vez, considera que a modalidade intitulada por ela *facultativa* pode ser orientada para o participante ou para o evento. Por fim, chegamos à proposta da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), que coloca a modalidade no nível das representações

semânticas (Nível Representacional) e considera as noções de habilidades e capacidades a designação de modalidade facultativa, podendo, em algumas línguas, ser dividida entre modalidade facultativa intrínseca e adquirida (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212), tipologia a qual aderimos neste trabalho.

Identificando o nosso objeto de estudos e baseadas na perspectiva do funcionalismo linguístico, que intenciona unir as incursões extralinguísticas, de ordem pragmática, às regras que comandam as expressões linguísticas dentro da gramática de uma língua específica (PEZATTI, 2011, p. 176), debruçamo-nos sobre os pressupostos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) com fins de analisar e descrever a modalidade facultativa tendo em vista o seu escopo de atuação e o contexto real de produção/interpretação de tais elementos (LIMA, 2019, p. 21). Em sendo assim, portanto, nosso objetivo é identificar os aspectos semânticos e morfossintáticos relativos à modalidade facultativa no português do Cariri. Para nosso estudo, utilizamos o *corpus* PROFALA, concentrando nossas ações analíticas no subprojeto “O português do Ceará”.

Em relação à estrutura retórica do trabalho, ela se subdivide em dois grandes eixos: (i) fundamentação teórica de base e conceitualização da categoria investigada à luz da GDF; (ii) análise da categoria no português do Cariri, com a descrição da metodologia usada e discussão dos resultados encontrados especificamente relativos ao Nível Representacional.

2. A MODALIDADE FACULTATIVA NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Nossa pesquisa tomou como base os pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico de vertente holandesa, representado pela GDF (2008), a qual compartilha com sua predecessora, a Gramática Funcional (GF), de Simon Dik (1997), a visão do enunciado

estratificado em camadas. Uma diferença metodológica essencial, no entanto, traz à tona nossa escolha: ao passo que a GF mostra-nos uma análise partindo da oração e a decompõe em um estudo ascendente (*bottom-up*), a GDF busca analisar o Ato Discursivo em nível descendente (*top down*) em razão das adequações psicolinguísticas e dos estudos mais recentes nas áreas de produção de linguagem e processamento da fala.

O percurso analítico da GDF (2008), modelo *top down*, propõe quatro componentes básicos para a construção de uma expressão linguística: (a) o Componente Conceitual, em que estão inseridos os aspectos cognitivos responsáveis pelas possíveis intenções do falante; (b) o Componente Contextual, referente às informações linguísticas e extralinguísticas acionadas durante a interação verbal entre os participantes do discurso; (c) o Componente Gramatical, responsável pelas operações de Formulação e Codificação das expressões linguísticas, o qual recebe as informações dos demais componentes; e o (d) Componente de Saída, considerado o resultado dessa operação mental, a expressão linguística expressa verbalmente.

Sendo o Componente Gramatical o mais complexo destes e o foco da teoria, ele envolve dois grandes processos: Formulação e Codificação. A Formulação é responsável pela seleção de quadros (*frames*) apropriados, pela inserção de lexemas apropriados e pela aplicação de operadores simbolizando as distinções gramaticais de determinada língua. Neste tipo de operação, estão envolvidos dois níveis de organização: o Nível Interpessoal (N.I.), que “[...] lida com todos os aspectos formais de uma unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte [...]” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46); e o Nível Representacional (N.R.), onde há a “[...] descrição das unidades linguísticas nos termos das categorias semânticas representadas por elas, ou seja, em relação às formas com que a linguagem pode se relacionar com o mundo linguístico descrito por elas [...]” (LIMA, 2019, p. 35). A

Codificação, por sua vez, recebe as informações da Formulação e lhes dá uma forma morfossintática e fonológica, particular a cada língua. Nessa operação estão envolvidos dois níveis de organização: o Nível Morfossintático (N.M.), que recebe as informações dos níveis antecessores e as decompõe em expressões linguísticas, como as cláusulas, os sintagmas, as palavras ou os morfemas; e o Nível Fonológico (N.F.), responsável pela “articulação” no Componente Gramatical, no qual há a organização da intensidade, duração dos fonemas, além de suas representações em oposições binárias fonológicas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 421).

Todos os Componentes (e também os Níveis) agem de maneira interdependente para determinar o Ato Discursivo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 04), sobretudo o Componente Contextual, o que mais troca informações com o Componente Gramatical, trazendo informações de dois tipos: as imediatas, que precisam estar em constante atualização; e as informações de longo prazo, que dizem respeito à interação contínua no momento da comunicação. (ALTURO, KEIZER; PAYTARÓ, 2014, p. 193-194).

No N.R., a partir do momento em que há a caracterização das noções do Conteúdo Comunicado, um dos operadores que representam a modalidade, que nada mais são do que as expressões linguísticas que temos para pronunciar determinadas intenções em nosso enunciado, há a distinção entre dois parâmetros, de acordo com Hengeveld (2004, p. 1192-1193): o alvo e o domínio da avaliação modal. O Alvo diz respeito à orientação da modalidade, subdividindo-se assim em: a) orientada-para-o-participante, b) orientada-para-o-evento ou c) orientada-para-a-proposição.

O Domínio refere-se ao ângulo pelo qual a avaliação modal é feita, subdividindo-se assim em: a) modalidade deôntica, que diz respeito a ordens e permissões; b) a modalidade

epistêmica, que diz respeito ao comprometimento do falante com o enunciado de um EC, mostrando possibilidade num contexto real; c) a modalidade volitiva, que nos traz as noções de desejo, e a d) **a modalidade facultativa** (foco de nossa pesquisa), que pode indicar (i) habilidades/capacidades intrínsecas ao indivíduo ou adquiridas por ele no decorrer de sua vida ou descrever a capacidade do participante em se envolver num estado-de-coisas designado pelo predicado (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008, p. 212), ou (ii) condições físicas ou circunstanciais de determinado estado-de-coisas.

Ao fim da exposição acerca do nosso posicionamento teórico, passemos aos procedimentos metodológicos, onde indicaremos nossos parâmetros sequenciais de análise da modalidade facultativa no português falado no Cariri.

3. METODOLOGIA

Embasados na perspectiva estabelecida pela GDF para a modalidade facultativa, buscamos descrever e analisar os aspectos relativos ao Nível Representacional e, em parte, ao Nível Morfossintático.

Para o estudo da categoria em língua portuguesa, escolhemos o *corpus* PROFALA (Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações), mais especificamente o subprojeto “O Português Falado no Ceará”, desenvolvido pelo Programa da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Teleinformática da UFC. O *corpus* PROFALA é composto por 190 inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), divididos pelas categorias sexo, idade, escolaridade, local de origem do informante e duração do inquérito.

Dadas as dimensões deste banco de dados, escolhemos uma amostra de 60 inquéritos fundamentados nas categorias de análise escolhidas em Carvalho (2007). Distribuimos os

inquéritos igualmente nas categorias sexo (masculino e feminino), Faixa Etária (FI – 15 a 25 anos; FII – 26 a 49 anos; FIII – 50 anos ou mais) e escolaridade (analfabeto – E0; 01 a 04 anos de escolaridade – E1; 05 a 08 anos de escolaridade – E2; 09 a 11 anos de escolaridade – E3; mais de 11 anos de escolaridade – E4), conforme explica Lima (2019, p. 66).

3.1 Procedimentos de análise

A análise do *corpus delimitado* é de natureza quali-quantitativo e seguiu os seguintes procedimentos:

- a) leitura das entrevistas para a identificação dos modalizadores facultativos;
- b) análise das incidências da modalidade facultativa no português do Cariri;
- c) tratamento quantitativo das ocorrências com o software de análise estatística SPSS. O programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais) foi utilizado para o tratamento estatístico dos dados, para codificação das ocorrências encontradas e verificação de possíveis significâncias estatísticas;
- d) interpretação dos resultados quantitativos à luz dos princípios teóricos funcionalistas, mais especificamente os da GDF.

Seguindo a proposta da GDF, estabelecemos 3 (três) categorias de análise relativos ao N.R. e ao N.M., a saber:

- O alvo da modalidade facultativa:
 - Orientada-para-o-participante (OP);
 - Orientada-para-o-evento (OE);
- Os subtipos de modalidade facultativa orientada-para-o-participante:
 1. Habilidades/capacidades intrínsecas;
 2. Habilidades/capacidades adquiridas;

- Os subtipos de modalidade facultativa orientada-para-o-evento:
 - Condições físicas;
 - Condições circunstanciais;
- Os meios de expressão da modalidade facultativa:
 - Palavras (verbos, substantivos, adjetivos, etc);
 - Sintagmas.

A partir destes procedimentos, passamos ao ‘mapeamento’ da modalidade facultativa no português no Cariri.

4. MAPEAMENTO SEMÂNTICO E MORFOSSINTÁTICO DA MODALIDADE FACULTATIVA NO PORTUGUÊS DO CARIRI

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Gramatical seria o responsável por transformar, por meio das operações de Formulação e Codificação, as informações oriundas dos Componentes Conceitual e Contextual em uma expressão linguística compreensível de uma determinada língua. Para isso, de modo descendente, os Níveis de cada operação podem condicionar os demais e, assim, o N.R. e o N.M. alinham-se para a expressão da modalidade facultativa em português.

De modo a “mapear” esses aspectos semânticos e morfossintáticos, analisamos qualitativamente cada ocorrência e, em seguida, quantificamos todos os casos, conforme vemos na Tabela 1:

Tabela 1 – Mapeamento da modalidade facultativa português do Cariri

Alvo	Frequência	MFOP			Total
		MFOE	Intrínseca	Adquirida	
OP	Nº	0	59	104	163
	% em Alvo	0,0%	36,2%	63,8%	100%
	% do Total	0,0%	35,3%	62,3%	97,6%

OE	Nº	4	0	0	4
	% do Total	2,4%	0,0%	0,0%	2,4%
Total	Nº	4	59	104	167
	% em MFOP	100%	100%	100%	100%
	% do Total	2,4%	35,3%	62,3%	100%

Fonte: LIMA (2019, p. 144)

Em relação ao parâmetro “alvo da modalidade” (orientação para-o-participante, para-o-evento e para-a-proposição), observamos que, das 167 ocorrências encontradas de modalidade facultativa, 163 (97,6%) foram *orientadas-para-o-participante* (MFOP), ao passo que apenas 4 (2,4%) foram *orientadas-para-o-evento* (MFOE). Provavelmente, isso se deva ao fato de que o falante-entrevistado discorre sobre mais capacidades e habilidades referentes a ele mesmo ou a outra pessoa, dada a própria natureza do banco de dados escolhido ser composto por meio de entrevistas que possuem como base temática as experiências de vida, desde a infância até seu passado recente e a opinião deles acerca de fatos políticos ocorridos no período de construção do *corpus*: religião, política e crenças pessoais são alguns dos temas escolhidos para fazerem parte do conteúdo desses diálogos. Tais situações, conseqüentemente, podem ter proporcionado uma tendência de os falantes introduzirem em suas falas a modalidade facultativa *orientada-para-o-participante*, já que, por meio do questionário elaborado pelos membros do PROFALA, eles são estimulados a relatar situações de sua vida.

Por meio da modalidade facultativa *orientada-para-o-participante*, há a explicitação do falante em se engajar num estado-de-coisas descrito no predicado, podendo, ainda, em algumas línguas, haver a distinção destas habilidades em intrínsecas ou adquiridas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008. p. 212), o que denominamos de *subtipo* de modalidade facultativa.

Em relação à MFOP, a Tabela 1 nos mostra que o subtipo ‘habilidade/capacidade adquirida’ ocorreu em 104 casos, representando 63,8% do total, ao passo que a ‘habilidade/capacidade intrínseca’ ocorreu em 59 casos, caracterizando 36,2% do total. Isso demonstra a predileção que os falantes do Cariri têm para construírem em seus enunciados o relato de seus aprendizados obtidos ao longo da vida, ou seja, as capacidades que eles, ou outro indivíduo que eles estejam citando, tenham adquirido. Vejamos:

(1) eu sô mais feliz hoje’ eu era feliz (+) num resta dúvida’ eu era muito feliz acho que num havia felicidade maior naquele tempo pra mim né” mas eu num **podia** fazê o que eu faço hoje’ eu não **podia** ajudá minha família’ num era” e hoje eu **tenho condições** pra tudo’ eu **tenho condições** de vivê’ que eu vivo por a minha conta própria’ ajudo a minha família’ a meus pais’ e meus irmãos’ a minha família todinha’ F. a única que **têi condições** de ajudá sô eu’ inclusive eu sô a chefe da família né” a chefia da família é comigo’ (...) (ALAF3E2-F)

(1) nos mostra uma série de expressões de modalidade facultativa adquirida. O verbo ‘poder’ marca que o falante, outrora, não era capaz de fazer o que faz hoje por sua família, ou seja, que, com o tempo e com suas experiências vivenciadas, acabou adquirindo determinadas capacidades. O falante mostra linguisticamente que passou a ‘ter condições’, ou seja, que adquiriu capacidades não apenas para viver por si, mas também para ajudar sua família.

Outro caso de MFOP está em (2):

(2) um aluno com uma alfabetização mal feita’ ele num tem base po primário e nem **pode** seguí’ né” mais aí’ de quem está a culpa” do professô” do aluno” eu num sei a quem tribui/ a quem atribuí essa culpa’(MCAF2E4-F)

O verbo ‘poder’, que indica neste caso uma ‘habilidade/capacidade adquirida’, mostra que o falante demonstra seu ponto de vista sobre os alunos que não possuem uma base sólida durante a alfabetização, indicando que, se este nível de escolaridade não estiver bem consolidado em suas mentes, as *capacidades* necessárias para prosseguir com os seus estudos adequadamente.

Caso semelhante aparece em (3), no qual a modalidade facultativa é inserida no texto com outros meios de expressão:

(3) [...] olha é o seguinte' eu num trabalho mais em pedra porque: aconteceu um acidente' então eu num **posso** mais' porque eu perdi uma mão e num **tenho mais condição** porque tem que sustentá um poçal' e através desse poçal é que a gente **consegui**' quebrá as pedra,s: (IGAF2E1-M)

O falante, no excerto (3), narra um fato ocorrido com ele próprio e como acabou tornando-se incapacitado de trabalhar devido a um acidente. Neste caso, temos a marca da modalidade facultativa orientada-para-o-participante em três momentos: na primeira, com o verbo 'poder', explica que não tem mais a capacidade necessária para fazer o serviço de antes: ele "não tem condição" (não *pode*, porque houve um evento anterior que o inabilitou fisicamente) e, conseqüentemente, ele hoje em dia não é capaz, ou seja, não "consegue" quebrar as pedras.

O subtipo 'habilidade/capacidade intrínseca' da MFOP aparece em casos como (4):

(4) eles se encontraram' então o pai não **pode** empatá-la' ela (+) namorou com e:le' se encontraram' aí fugiram' e viveram muito bem (+) na vida deles, porque (+) desde cria:ança' a pessoa so:lto' quando fica mais velho num sabe nem o que fazê da vi:da, (ILOF1E1-F)

Ao analisar o verbo 'poder', em (4), percebemos que o falante julga que o pai da garota da qual ela está falando não foi capaz de acabar com o namoro da filha. Segundo ela, o pai teria a capacidade de ter autoridade suficiente sobre a filha para que ela não desse continuidade a esse namoro, mas, conforme o analisado no excerto (3), ele não 'foi capaz' de tal atitude.

O excerto seguinte nos mostra uma das formas com as quais podemos encontrar a MFOP em sua faceta 'intrínseca':

(5) o meu tempo de infância foi um tempo muito de: (+) sem gosto' **posso** dizê que num tive infância' porque quando eu deixei de istudá pra entrá na iscola da vida (+) fui trabalhá numa oficina' eu tinha/ meu sonho era possuí um caminhão' trabalhá de motorista' né" e naquela época era muito difícil' (FHRF3E2-M)

Em (5), o verbo ‘poder’ indica que o falante se sente capaz, de acordo com suas crenças pessoais, de dizer que sua infância foi tolhida em razão de sua entrada precoce no mundo do trabalho, o que não lhe permitiu dar continuidade aos seus estudos.

Além disso, identificamos a manifestação da modalidade facultativa expressa por adjetivos, mais especificamente, o adjetivo ‘capaz’:

(6) **DOC:** Jesus deu sua vida por nós... o que você acha disso?

INF: eu acho um exemplo muito bonito’ porque hoje em dia você:/ eu acho que jamais (+) as pessoas seriam **capaz** de doar a vida a um irmão’ a um pai’ uma mãe’ e ele não’ ele deu a vida por todos nós’ eu acho muito bonito, (AFNSF2E3-F)

Em (6), conforme observado, vemos a manifestação da MFOP expressa por meio do adjetivo ‘capaz’, indicando uma ‘habilidade/capacidade intrínseca’, a qual, de acordo com o julgamento da entrevistada, “as pessoas” não possuem, pois o único ser dotado *intrinsecamente* da capacidade de dar a sua vida para toda a humanidade, e não apenas para seus familiares, é Jesus.

Com relação à MFOE, ela descreve, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 175), um estado-de-coisas enquanto condições físicas ou circunstâncias de sua ocorrência. Tal modalidade, como vemos, se deu em apenas 2,4% dos casos. Entretanto, dadas as formas distintas de expressão linguística da modalidade facultativa encontradas nesta pesquisa, acreditamos ser necessário descrevê-los. Quando verificamos os subtipos dos 4 casos de MFOE, constatamos que todos eram do subtipo ‘condições circunstanciais’, ou seja, estão relacionadas “[...] situações relativas ao momento relatado no estado-de-coisas [...]” (LIMA, 2019. p. 98). O subtipo ‘condições físicas’, ou seja, “[...] aquelas ligadas diretamente à caracterização do estado-de-coisas em relação a aptidões físicas, como, por exemplo, volume, espaço, medidas em geral,

força física e outras características físicas descritas neste estado-de-coisas [...]” (LIMA, 2019, p. 98), não ocorrem no *corpus* deste trabalho.

A MFOE do subtipo ‘condições circunstanciais’ estão relacionadas às situações específicas em que não há um participante determinado, podendo, portanto, ocorrer com certa frequência em construções impessoais, como em (7):

(7) não **se poderia**’ imaginá pô hipótese alguma’ que **se consiga** atingí um nível de formação’ um nível de graduação melhó’ um nível de desenvolvimento’ se num houvesse um investimento’ (+) na educação pública, (JNSF3E4-M)

Em (7), o uso das construções impessoais “não *se poderia*”, e “que *se consiga*” faz com que o enunciado tenha como alvo o evento, uma vez que não há a indicação direta de quem ‘poderia’ imaginar e de quem conseguiria ‘atingir um nível de formação [...]’. Não há, portanto, a indicação do participante, mas de uma condição geral.

Por fim, no que se referem aos aspectos morfossintáticos (N.M.) de expressão da modalidade facultativa no português do Cariri, obtivemos os seguintes dados:

- Verbos, como ‘poder’, ‘saber’ e ‘conseguir’, que totalizam 115 casos (68,8%);
- Substantivos (10 casos, 6%), como ‘poder’, ‘capacidade’ e ‘condição’;
- Adjetivos (5 casos, 3%), como ‘capaz’, indicando orientação-para-o-participante.
- Sintagmas (37 casos, 22,2%), como: i) ‘ter condições de’, ii) ‘em condições de’, e iii) ‘ter capacidade de’, manifestadas 37 vezes no *corpus*, indicando linguisticamente como os participantes se sentem em relação a suas (in) capacidades para realizar determinada ação expressa no predicado, sendo prioritariamente encontrada em orientação-para-o-participante (LIMA, 2019, p. 115-129).

Como vemos, no N.M., a expressão linguística mais frequente foi a ‘palavra’, que contabilizou 130 casos (77,8% do total), sendo o verbo a categoria predominante. Destaca-se o uso do polissêmico ‘poder’, o qual poderia ser parafraseado por ‘ter condições’ ou ‘consegue’.

Segundo Lima (2019), o verbo ‘conseguir’, dentre os diversos significados que possui, quando utilizado expressando a modalidade facultativa, o sentido de “[...] uma meta a ser alcançada pelo sujeito do enunciado modalizado facultativamente [...]” (LIMA, 2019. p. 119), o que pode ser observado quando o falante se mostra dotado de determinada capacidade/habilidade, como em (8):

(8) eu trabalhe:i (+) aproximadamente: oitenta quilômetros (+) de distância’ daqui da cidade de Crato’ e: eu dislocava/ trabalhava o dia todo’ e dislocava (+) de ônibus (+) TTodo dia e (via)/ assistia aula’ né” até que realmente **consegui** (+) concluí o meu segundo grau’ (JAFF2E3-M)

No excerto (8), o verbo ‘conseguir’ está atrelado ao fato de o falante, após sua jornada de muito tempo e distância da escola, ter adquirido as capacidades necessárias para concluir o segundo grau.

O verbo ‘saber’, por sua vez, possui traços de modalidade facultativa, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 212), ao identificar que em algumas línguas este verbo pode ter traços da categoria em questão.

Kapp-Barboza (2017, p. 117) também menciona, em seu estudo acerca do verbo ‘saber’, que um dos seus sete sentidos possíveis é a indicação de modalidade facultativa, no sentido de que ele “[...] indica capacidades e habilidades voltadas para o falante, em que o tipo de complemento será sempre um EC [...]” (LIMA; 2019, p. 122). Consequentemente, sua orientação não poderá ser para-o-evento, ficando resignada a orientada-para-o-participante (KAPP-BARBOZA, 2017, p. 117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com este artigo a identificação dos aspectos semânticos e morfossintáticos relativos à modalidade facultativa no português do Cariri. Nosso aporte teórico foi embasado pela GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), em que a modalidade facultativa é inserida no Componente Gramatical, no Nível Representacional, correspondente às relações entre categorias semânticas. Isso faz com que ela seja responsável pela identificação semântica sob dois tipos de orientação: a) para-o-evento, indicando condições físicas ou circunstanciais de um determinado estado-de-coisas; ou b) para-o-participante, em que há, em algumas línguas, a distinção entre habilidades e capacidades intrínsecas (*ser capaz de*) ou adquiridas (*saber como*) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212) e, conforme observamos, o português é uma destas línguas que há tal distinção.

Com base em uma amostra do *corpus* PROFALA, com ênfase no subprojeto “O português falado no Ceará”, constatamos que a modalidade facultativa é expressa tendo como alvo tanto o participante quanto o evento. Entretanto, a frequência de uso mostrou uma tendência para a MFOP do subtipo ‘habilidade/capacidade adquirida’, expressa principalmente por verbos (‘poder’, ‘saber’, ‘conseguir’), substantivos (‘poder’, ‘capacidade’ e ‘condição’), adjetivo ‘capaz’ e por sintagmas (‘em condições de’, ‘ter condições de’, ‘ter capacidade de’). Quanto à MFOE, foram encontrados apenas casos do subtipo ‘condições circunstanciais’, que diziam respeito a condições de tempo.

Diante do exposto, vimos a relevância de nos aprofundarmos nos estudos acerca da modalidade facultativa em língua portuguesa, sobretudo para a caracterização de propostas para trabalhos posteriores sobre a categoria em outros contextos de utilização da língua, como, por exemplo, o aprofundamento da caracterização da modalidade facultativa orientada-para-o-evento e a definição específica da distinção entre condições físicas e circunstanciais.

REFERÊNCIAS

ALTURO, Nuria, KEEZER, Evelien, PAYTARÓ, Luis. The interaction between contexto and Grammar in Functional Discourse Grammar: Introduction. **Pragmatics.**, nº 24, vol. 02, p. 185-201, 2004. Disponível em <https://goo.gl/nmtyCh>. Acesso em 02 mai.2018

BASTOS, Sandra Denise Gasparini; BRUNELLI, Anna Flora. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo modal *poder* em português e espanhol: análise do discurso e autoajuda. **Signo &Seña**, nº 22, dezembro/2012. Disponível em: <https://goo.gl/158gRW>. Acesso em: 14 mai. 2017.

_____. OLBERTZ, Hella. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions. In. **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam, Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2013.

BRUNELLI, Anna Flora. A modalidade na literatura de auto-ajuda. **Revista Alfa**. São .Paulo, v. 02, n.47, p. 117-137, 2003. Disponível em: <https://goo.gl/ESJwaT>. Acesso em: 21 mar.2017.

_____. **“O sucesso está em suas mãos”**: análise do discurso de autoajuda. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: <https://goo.gl/SdTT8q>. Acesso em: 22 mai.2017.

CARRETERO, Marta. Una propuesta de tipología de la modalidad: la aceptación como categoría modal. **Dicenda**. Cuadernos de Filología hispânica. Nº 10. p. 40-61. Ed. Completude: Madrid: 1991-1992. Disponível em: <https://goo.gl/pLEW45>. Acesso em: 14 mai. 2018.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2007.

CONNOLLY, John. Context in Functional Discourse Grammar. **Alfa**. São Paulo, 51, v. 02, p. 11-33, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/qshMX5>. Acesso em: 27 jul. 2017.

_____. The Contextual Component within a dynamic implementation of the FDG model: structure and interaction. **Pragmatics**. Reino Unido, 24, v. 02, p. 229-248, jun.. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/pNJWFZ>. Acesso em: 07 ago.2017.

DIK, Simon. **The Teory of Functional Grammar** – Part1 1: The structure of the clause. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. **Uma descrição do comportamento dos advérbios modalizadores epistêmicos no português falado**. 1997. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1997. Disponível em: <https://goo.gl/6GDthK>. Acesso em: 14 mar. 2017.

HENGEVELD, Kees. Illocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**. Amsterdam, v. 03/04, nº 06, p. 227-269, 1988. Disponível em: <https://goo.gl/eXbwJQ>. Acesso em: 11 jul. 2017.

_____. Layers and Operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**. Grã-Bretanha, n. 35, p. 127-157, 1989. Disponível em: <https://goo.gl/8aEkjx>. Acesso em: 04 set. 2017.

_____. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. **Morphology: a Handbook on Inflection and Word Formation**. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.1190-1201. Disponível em encurtador.com.br/eouxW. Acesso em 10/07/2019.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. New York, Oxford, 2008.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. Alinhamento Interpessoal, Representacional e Morfosintático na Gramática Discursivo-Funcional. **Delta**. São Paulo, vol. 25, nº01, 2009, p. 181-208. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v25n1/a07v25n1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018.

_____; MACKENZIE, J. Lachlan. Grammar and Context in Functional Discourse Grammar. **Pragmatics**. Reino Unido, v. 02, n. 24, p. 203-227, 2014. Disponível em <https://goo.gl/EhFMKS>. Acesso em 20 jul. 2017.

Jespersen. Otto. **A Modern English Grammar on Historical Principles**. Londres: Alíen & Unwin, 1928.

_____. **The Philosophy of Grammar**. Londres:Alíen & Unwin, 1924.

KAPP-BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 165f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/151978>. Acesso em: 18 ago.2018.

LIMA, Liliane Viana. **A modalidade facultativa no português falado no Ceará: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional**. 2019. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2X0G5CB>. Acesso em 24/06/2019.

OLBERTZ, Hella. **Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

_____. Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish – a semantic description. In: GARADANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. **From composite predicates to verbal periphrases in romance languages**. Amsterdam: Benjamins, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RNxzFn>. Acesso em: 27 fev. 2017.

PALMER, F.R. **Mood and Modality**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2001. (2ª ed.).

_____. **Modality and English Modals**. 2ª ed. Nova York: Routledge, 2013.

PERKINS, Michael R. **Modal Expressions in English**. Londres: Frances Pinter, 1983.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: BENTES, Anna Christina; MUSALIN, Fernanda. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: v. 03, Cortez, 2011.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole: 2004.

WRIGHT, Georg H. Von. **An Essay in modal logic**. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1951.